

UMA AULA DE SOCIOLOGIA

(notas de leitura de uma obra de Franz Kafka)

Eduardo Stotz

I – Apresentação

Os comentários e reflexões a seguir foram elaborados a partir de uma aula sobre sociedade e conhecimento no Curso de Especialização em Educação e Saúde, ministrada em 2003 na Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz. Nesta aula fizemos, José Wellington Gomes Araujo e eu, uma leitura dirigida da novela *Na construção da Muralha da China* de Franz Kafka¹ com os alunos.

II – Comentário metodológico

A escolha desta obra levou em conta a diversidade das formações profissionais dos alunos diante das quais pareceu-nos que nenhum texto acadêmico seria capaz de oferecer, em apenas 35 páginas, um entendimento amplo e ao mesmo tempo profundo sobre o que viesse a ser a ordem social – a sociedade – de modo tão penetrante, instigador e atraente como fez Kafka².

A narrativa sobre o processo de construção da muralha permitiu discutir a divisão do trabalho, o processo de socialização, a burocracia, o estado e sua natureza, a separação entre governantes e governados, a legitimidade do estado - processo no qual emerge a identidade nacional chinesa. Nos termos de Marcel Mauss (1974), a construção da muralha da China pode ser vista como o evento social significativo numa narrativa literária, a qual procura desvendar o sentido da ordem no entendimento de todos os aspectos da vida social em sua múltipla interdependência.

Obviamente a escolha de um texto literário nos coloca diante da relação entre a ficção e a não-ficção, no caso a literatura e a sociologia como ciência social. Neste aspecto, estamos de acordo com Lima (1993), para quem o estatuto do ficcional, tal

como o estatuto das ciências sociais, implica numa ruptura do conhecimento ao produzir, no leitor, o sentimento do estranhamento face aquilo que, na vida social, é visto como parte do cotidiano e, pois familiar. Na obra de Kafka, as perguntas sobre as razões de ser, sobre o sentido de ser das instituições, das práticas e das crenças abrem caminho para a desnaturalização das relações vivenciadas e, no mesmo processo, para a deslegitimação da ordem instituída.

III – Considerações sobre a estrutura do texto

O impacto desta leitura nos alunos foi perturbador. Apesar desse sentimento, ressaltaram o gosto e a atração exercida pela técnica narrativa usada na obra.

Devido a importância de ler o texto em voz alta, solicitei que alguém lesse o primeiro parágrafo em voz alta. Eis o trecho:

A muralha da China foi concluída em sua extremidade setentrional. De sudoeste a sudeste a construção foi elevada aos poucos e unida aqui. Em escala menor, esse sistema de construção por partes foi seguido também dentro de dois grandes exércitos de trabalho, do leste e do oeste. Acontecia assim: grupos de cerca de vinte trabalhadores eram formados, um grupo tinha que executar uma parte do muro de cerca de quinhentos metros de comprimento, um grupo vizinho erguia um bloco de muro do mesmo tamanho em direção ao outro grupo. Mas, depois de realizada a junção, a construção não continuava a partir desses mil metros, os grupos de trabalhadores eram mandados para regiões completamente diferentes da construção da muralha. Naturalmente, dessa maneira foram deixadas grandes lacunas, que foram preenchidas pouco a pouco, algumas até depois da construção da muralha ter sido declarada completa. Sim dizem que há lacunas que sequer foram fechadas, afirmação que possivelmente pertença apenas às muitas lendas a que a construção deu origem...

A primeira estranheza percebida por todos foi assim expressa: *como pode uma muralha proteger se não é uma construção contínua? Para que construir uma muralha...? contra quem?*

Disse para os alunos: o discurso é uma reflexão, quer dizer, um segundo conhecimento, a crítica de um primeiro conhecimento. Esta é uma característica da narrativa kafkeana. Um dos comentadores de sua obra, Walter Benjamin, afirmou que a narrativa ficcional de Kafka pode ser entendida como um discurso literário sobre a

ordem social. Podemos entender *Na construção da muralha da China* como uma parábola de parábolas sobre a organização da sociedade.

Então José Wellington chamou atenção para o trecho final do parágrafo acima citado, com o intuito de apontar o “inacabamento”, tal como a da construção da muralha, a do próprio conhecimento sobre a sociedade:

...e que não podem ser verificadas, pelo menos não por uma só pessoa com os próprios olhos e com a própria escala, por causa da dimensão da construção...

Um segundo aspecto da estrutura da obra diz respeito ao narrador: quem usualmente formula perguntas desta natureza? Após identificar o narrador como um membro do grupo dos técnicos, dos mestres que, na narrativa, assume a posição de um “historiador”, concluímos que se trata de um indivíduo situado entre os governantes e os governados, aquele que, em virtude da divisão social do trabalho, pode encarnar a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Isto é, o filósofo, o historiador, o intelectual.

IV – Os fundamentos da ordem social

Uma das interpretações sobre o significado da construção da muralha elaborada pelos alunos estava fortemente associada ao contexto da violência em que vivíamos na ocasião. A muralha foi identificada com o muro levantado para separar a extensão do campus da Fundação Oswaldo Cruz de uma parte do complexo popular da Maré. A partir daí a distinção entre “nós” e “eles” foi a característica mais ressaltada nas conversações sobre as leituras da obra.

Esta separação entre “nós” e “eles”, civilizados e bárbaros, nacionais e estrangeiros e outras demarcam identidades definidas pela distinção/oposição ao “outro”, à alteridade.

Qual a importância, do ponto de vista sociológico, desta separação?

Quando pensamos em sociedades “globais” do ponto de vista conceitual, lidamos com fenômenos sociais “mais vastos e importantes, mais ricos de conteúdo e de ascendente numa dada realidade social” (Gurvitch, 1979, p. 511). Contudo, o fato de se referir à sociedade humana no plural deixa patente a necessidade de considerar seus diferentes tipos, com o que já se introduz o elemento histórico e se busca estabelecer comparações.

Ora, a relação entre identidade e alteridade nesta perspectiva macro-sociológica requer a compreensão do papel do Estado, desta instância “coordenadora” que formaliza a diferenciação social e define os limites da soberania. Pois não há sociedade

de classes sem Estado, isto é, sem Estado-nação fundamento jurídico-político da identidade e da alteridade.

Na novela de Kafka, a problemática da coesão social emerge simultaneamente com a da identidade/alteridade: contra quem a muralha foi construída? Em torno da indefinição do Outro, percebe-se a problemática da identidade, do "Nós" que, contudo, implica distinções, hierarquias:

A princípio pode-se pensar que teria sido mais vantajoso construir sem interrupções (...). A muralha destinava-se, como foi amplamente divulgado e como ficou conhecido, à proteção contra os povos do norte. Mas como pode uma muralha proteger se não é uma construção contínua? (...) Apesar disso, é provável que a construção não pudesse ter sido executada diferentemente. Para entender, é preciso considerar o seguinte: a muralha deveria ser proteção para séculos, minuciosamente construída; (...) Na verdade, para os trabalhos inferiores podiam ser empregados diaristas ignorantes do povo, homens, mulheres, crianças, quem se interessasse por um bom dinheiro; já para a supervisão de quatro trabalhadores diaristas era necessário um perito em construção; um homem capaz de sentir até as profundezas do coração o que se passava o que se passava aqui. E quanto mais alta a tarefa, maior a exigência. E tais homens estavam realmente disponíveis, se bem que não na quantidade que a obra precisava, mas ainda assim em grande número.

O narrador faz uma distinção entre os qualificados, empenhados na ordem:

Mas aqueles finalmente admitidos na construção como mestre de obras, mesmo que em posições inferiores, foram realmente dignos de seu trabalho. Eram pedreiros que tinham refletido muito e não deixavam de refletir sobre a obra, e que com a primeira pedra que assentavam, sentiam-se como que fazendo parte da construção. Tais pedreiros tinham, naturalmente, o lado da ânsia de fazer o trabalho minuciosamente, a impaciência de ver a obra finalmente concretizando-se em sua perfeição.

Enquanto os diaristas:

Não conhecem esta impaciência, pois só se preocupam com o salário, já os mestres de obras e até mesmo os pedreiros de importância mediana viam o suficiente do crescimento múltiplo da construção para manterem o espírito animado.

Contudo, o que garante a coesão entre superiores e subalternos é o sentimento de participar na mesma obra. Por um lado, os subalternos ficariam exasperados de executar um trabalho embrutecedor, árduo e sem um prazo certo de conclusão. Daí a escolha do método:

Por isso foi escolhido o sistema de construção em blocos. Quinhentos metros podiam ser concluídos em cerca de cinco anos.

A maior preocupação na obra volta-se, por outro, para sustentar a adesão dos mestres, essa camada intermediária entre dirigentes e dirigidos capaz de desvendar o sentido da obra: assim, eles participavam das festas da junção dos blocos, viam a derrubada de florestas para fornecer os andaimes da construção, ouviam hinos sagrados, podiam descansar um tempo em seus lares para retornar de lá, acompanhados no caminho, durante longo percurso, pela *metade da aldeia*, ensejando-lhes a vontade de retomar o trabalho na obra nacional.

Era todo esse processo que fortalecia o espírito de união:

Unidade! Unidade! Ombro a ombro uma ciranda do povo, o sangue não mais confinado na pequena circulação do corpo, mas rolando docemente e retornando através da imensa China.

A reflexão do narrador se desloca para o tema chamado, na tradição sociológica, de coesão social. Há uma dificuldade aparentemente intransponível para realizá-la voluntariamente. A propósito, Kafka afirma que havia muita confusão sobre o sentido da construção da muralha, *talvez exatamente porque tantos tentaram se concentrar em um mesmo fim.*

O inacabamento da construção é também o do próprio sentido de viver em sociedade, dada a impossibilidade do conhecimento único, universal e objetivo. Para Kafka, como assinalado na passagem acima citada, *uma só pessoa com os próprios olhos e com a própria escala* não pode verificar o sentido ou a finalidade de viver em sociedade. A idéia de que nada pode existir fora da sociedade que nos antecede e sucede, ou seja, transcende a cada um de nós individualmente, é sugerida ao leitor de modo extremamente perturbador na lenda da tentativa fracassada de um mensageiro imperial transpor as muralhas do palácio; o narrador ainda adverte que, caso isso pudesse eventualmente acontecer, ele iria se deparar apenas com *o centro do mundo entulhado, cheio de seus sedimentos.*

Marx e Engels (1974, 1977) referem-se à impossibilidade de uma visão unificada da sociedade por conta da divisão social do trabalho e da dominação nela baseada.

Certamente Kafka não pensava nestes termos. Apesar disso, perspectiva marxiana ajuda a entender a narrativa sobre as razões da construção da muralha (ou a finalidade da sociedade), principalmente no momento em que conduz à idéia de que sempre há um comando, um núcleo de coordenação que assegura a unidade.

O narrador afirma que esta unidade se impõe por meio de decretos cujo sentido pode-se tentar entender, *mas só até certo ponto*, quando então se deve parar de pensar. Assim, a legitimidade da ordem emanada de um centro governamental não pode ser questionada sem perturbar a ordem instituída. Pensar além e apesar do comando implica em resultados catastróficos: *acontecerá como ao rio [que] na primavera ultrapassa as suas margens*.

Na novela de Kafka, esse centro denominado alto comando ou simplesmente comando dá sentido à obra da muralha e, ao mesmo tempo, a *pequena função* de cada um *dentro do grande todo*.

As páginas dedicadas a descrever o império são marcadas pela obscuridade do conhecimento da instituição da ordem, uma vez que a ordem é gerada pelo todo – o qual não é a soma das partes. A passagem sobre *o dono da aldeia* é neste sentido ilustrativa:

Quando chegar uma vez, uma só vez na vida, um oficial do imperador, que visite a província, se ele por acaso chegar à nossa aldeia, fizer algumas intimações em nome do governo, examinar as listas de impostos, se ele assistir a uma aula na escola, interrogar o padre sobre o que fazemos e a que nos dedicamos, e pouco antes de subir na liteira fizer longas advertências ao povo ali reunido, então um sorriso passará por todos os rostos, olharão uns para os outros e se curvarão sobre as crianças, para que o oficial não os possa observar. (...) E atrás da liteira do oficial que parte às pressas, ergue-se alguém, arbitrariamente tirado de uma urna já em decomposição, ficando o pé como dono da aldeia.

O comando é e não é o império, que, por sua vez, não se confunde com o imperador (o governo com o estado): *O império é imortal, mas o imperador vacila e cai, mesmo dinastias inteiras afundam e morrem num estertor*. A organização desse poder, suas regras e conflitos, à margem da vida cotidiana, estão marcadas pelo segredo e pelo horror.

O comando é um lugar esotérico e inacessível, uma espécie de sala onde circulam *todos os pensamentos e desejos humanos e, num círculo contrário todos os objetivos e realizações humanos*.

Síntese das contradições e das ambições humanas, o poder político precisa haurir-se delas na mesma medida em que sua realização é por elas dificultada; há sempre um horizonte de expectativas incensado que obscurece a prática e a experiência.

A regra fundamental do poder – aqui entendido como capacidade de impor interesses – consiste na observação da máxima “dividir para reinar”. Ou seja, o poder mobiliza forças e energias sociais em favor da ordem social de onde se origina e à qual serve. Se o benefício para alguns poucos cria a expectativa da inclusão da maioria é porque na base da resignação e da tolerância diante das restrições presentes há uma expectativa de uma extensão para outros. Não para todos, pois no sentimento de fazer parte dos ‘outros’ significa apenas o sentimento de indivíduos – e não de um grupo, classe ou comunidade – de que vivem numa “sociedade de indivíduos” (Elias, 1994). O benefício será, nesses limites, obra da fortuna (sorte). Certamente há na memória social difusa (religiosa, política) entre os oprimidos a esperança do aparecimento de um líder carismático que um dia virá redimi-los da opressão.

Por isso mesmo a preocupação fundamental do poder numa ordem desigual em termos de acesso à propriedade, à renda e aos benefícios sociais está voltada para aqueles mais instruídos e organizados, tal como os mestres na construção da muralha, capazes de rebelar-se.

Benjamin (1994) diz que, para Kafka, a ordem social é o destino humano. Bourdieu (2001) retoma este pensamento no capítulo final de suas *Meditações pascalianas* para dizer que não há existência social sem o Estado, esse poder que permite o nosso ingresso, permanência e nossa saída da sociedade, da qual é a expressão concentrada e autoritária.

A novela *Na construção da muralha da China* conclui, entretanto, de modo surpreendente, ao sugerir a hipótese de que o fundamento da ordem social venha sustentar-se na *fraqueza do poder de imaginação e de fé do povo*, isto é, na dificuldade de alçar-se à condição de sujeito político e, assim, autor de sua própria história. Esta fraqueza, diz o narrador na passagem final do texto, *parece ser um dos mais importantes meios de união do nosso povo* (em torno do império)...*o verdadeiro chão no qual vivemos*.

V – Sociologia do conhecimento: a obra e o autor

É impossível escapar às determinações da época em que se vive. Todo pensamento é um pensamento em situação, apesar de poder exprimir tendências

ainda não totalmente desenvolvidas e percebidas numa época: Kafka não está imune à sua época. O ensaio de Walter Benjamin sobre Kafka é fundamental para este entendimento.

Mas qual é a relação entre a obra e seu autor, no caso de Kafka?

A biografia não deve ser entendida como a representação que cada um faz de sua vida (Bourdieu, 1998), mas das tentativas de identificar seus pertencimentos e desenraizamentos numa sociedade em certa época.

Assim, é importante saber que Franz Kafka viveu a condição do único filho homem de uma família judia que, na passagem do século XIX para o XX, participou da cultura alemã na Tchecoslováquia, pertencimento que, pelas suas características de personalidade, acabou por transformá-lo num "estrangeiro" na própria família, no interior de sua cultura e da história de seu país natal. Uma trajetória na qual o fracasso em se integrar socialmente – processo dolorosamente sentido do ponto de vista amoroso – foi simbolicamente superado no caminho vetado pela tradição judaica, o exercício da escrita. Veto que ele tangencia por meio do subterfúgio de assimilar a literatura ao "estudo da condição humana", uma possibilidade inscrita na tradição judaica. O "desenraizamento" (Weil, 1979) é a experiência vital que ele transpõe de sua experiência para a literatura. Estrangeiro, assume uma escrita de quem acaba de chegar, de quem desconhece as leis e os costumes, de quem procura o sentido das coisas mais óbvias.

Contudo, qual é a natureza do ser social que assim emerge na qualidade de personagens na obra de Kafka? As personagens dos romances *O Processo* e *O Castelo*, da novela *Na construção da muralha da China*, das parábolas, fragmentos e contos como *A recusa*, *O timoneiro*, *Uma visita às minas*, *Sobre a questão das leis*, *Investigações de um cachorro*, *Árabes e chacais* são seres isolados, porém dependentes de uma ordem que as supera e que não alcançam conhecer senão por meio da arbitrariedade, apesar de agirem com base em suposições razoáveis.

A descoberta da arbitrariedade, como acontece em *O Castelo* e *Na Construção da muralha da China*, permite chegar ao fundamento da ordem legalmente instituída, (o Estado democrático de direito), a saber, à violência. O escritor tem a sensibilidade artística de viajar *através das almas*, e por meio delas alcançar o sentimento mais profundo de viver numa sociedade de classes, de ter a vida subordinada a outrem, de modo opressivo (Löwy, 2005).

Por outro lado, face à insegurança estrutural de suas vidas, as pessoas aferram-se às tradições, tornam-se conservadoras, mesquinamente conservadoras. Kafka, portanto, vê a sociedade como reprodução das relações, não como mudança; a

esperança de escapar se encontra no passado, não no futuro, como diversas passagens da novela *Na construção da muralha da China* atestam. Neste sentido, nada melhor do que terminar esses comentários com os versos de *Admirável gado novo*, música de Zé Ramalho:

**O povo foge da ignorância
Apesar de viver tão perto dela
E sonham com melhores tempos idos
Contemplam essa vida numa cela
Esperam a possibilidade
De ver esse mundo se acabar
A Arca de Noé, o dirigível
Não voam nem se pode flutuar
Eh, oh, oh, vida de gado/povo marcado
Eh povo feliz.**

VI - Bibliografia

Bourdieu, Pierre. A ilusão biográfica. In: Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

_____ **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Benjamin, Walter. Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In; Benjamin, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Elias, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Gurvitch, Georges. **A vocação atual da Sociologia**. Volume I. Lisboa: Edições Cosmos; Santos: Livraria Martins Fontes, 1979.

Lima, Luiz Costa. **Limites da voz: Kafka**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Löwy, Michael. **Franz Kafka, sonhador insubmisso**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

Marx, Karl e Engels, Friedrich. **A ideologia alemã**. Lisboa: Editorial Presença, 1974. Vol I.

_____ Manifesto do Partido Comunista. In: Marx, Karl e Engels, Friedrich. **Textos, volume III**. São Paulo: Edições Sociais, 1977.

Mauss, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In **Antropologia e Sociologia** vol. 2. São Paulo: EDUSP, 1974.

Weil, Simone. A condição operária e outros estudos sobre a opressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

¹ Usamos a edição bilíngüe (alemão-português) da Editora Paraula, publicada em 1995.

² Hollanda, Sérgio Buarque de. Kafkiana I, II e III. Artigos publicados na Folha da Manhã, São Paulo, quinta-feira, 18, 24 e 30 de setembro de 1952. Disponível em <http://almanaque.folha.uol.com.br/sergiobuarque3.htm>
Acesso em 20/05/2007.